

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO



CENTRO
CULTURAL
DE BALSAMÃO

2022

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO

XXIV JORNADAS CULTURAIS DE BALSAMÃO

ORGANIZADORES

Basileu dos Anjos Pires, MIC

Carlos d'Abreu

Fernando Andrade Lemos

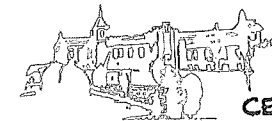
João Bartolomeu Rodrigues

José Maria Silva Rosa

Levi Leonido Fernandes da Silva

Luís Vale

Rui Leal Leonardo



**CENTRO
CULTURAL
DE BALSAMÃO**

Balsamão – Chacim

2022

© Todos os direitos reservados

DIÁLOGO INTERCULTURAL E RELIGIOSO

1.ª edição: setembro 2022

Editor: Centro Cultural de Balsamão

Capa: Carolina Grilo

Paginação: Rafael Cabo

Produção editorial & impressão:

Monte Riego (Espanha)

DL LE 347-2022

ISBN 978-84-12531176

ÍNDICE

Introdução <i>José Maria Silva Rosa</i>	7
A Migração: um intercâmbio que nos enriquece <i>Berta Ferreira Milheiro Nunes</i>	15
O que é o diálogo? Leis do autêntico diálogo <i>José António Domingues</i>	21
A Escola e a educação para a interculturalidade <i>Jorge Novo</i>	39
A Inclusão dos Migrantes e Refugiados <i>Eugénio Fonseca</i>	53
Armando Martins Janeira, um diplomata, ensaísta e artesão... <i>Pedro Teixeira da Mota</i>	67
O Diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II <i>Basileu do Anjos Pires</i>	105
O diálogo intercultural e religioso e a Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> ... <i>+José Manuel Cordeiro</i>	123
A sagrada descrença na obra de Miguel Torga <i>Maria da Assunção Anes Morais</i>	129
A Miguel Torga. "Sagração" de São Leonardo de Galafura, em Sol Maior <i>José Maria Silva Rosa</i>	151

Os ciganos e a sua inserção com os aldeões <i>Maria de Fátima Alves & Augusto Castanheira</i>	159
O diálogo raiano em torno da livre navegação no rio Douro <i>Carlos d'Abreu</i>	171
Diálogo linguístico entre os fidalgos e os mirandeses <i>Celina Bárbaro Pinto & António Bárbolo Alves</i>	187
Carção: Capital do Marranismo <i>António Júlio Andrade</i>	209
A Senhora, entre "Perros" e "Cabrões", mediadora social e cultural em Carção <i>Lúis Vale</i>	225
A experiência intercultural e religiosa de Francisco de Torres <i>Rui Leal Leonardo</i>	249
Olhar o Céu para compreender a Terra <i>Fernando Andrade Lemos & José António Silva</i>	259
Leituras históricas na Raia brigantina: diálogos hispano-lusos no contexto tridentino <i>Alexia Dotras Bravo</i>	285
O 'Projecto para uma Ética Mundial' e o 'caminho das pedras' daquilo que nos separa. <i>José Maria Silva Rosa</i>	315
Reportagem Fotográfica <i>José António Silva</i>	341

Introdução

Diálogo quer dizer através da palavra (diá+logos), circulação do logos, pergunta e resposta, colóquio, entrelace, conversação, e arranca de uma experiência antropológica fundamental: embora, segundo a tese aristotélica, sejamos por natureza animais falantes e detentores do logos, só falamos porque temos interlocutores, porque vivemos uns com os outros. E por sermos assim entes políticos, polidos pelo convívio, somos seres de relação que não se bastam a si próprios e para quem a alteridade é essencial. Deste modo, e contrariamente ao que o coro da tragédia grega Antígona de Sófocles cantava (o homem aprendeu por si próprio a fala e o alado pensamento, vv. 355-6), aprendemos a dialogar dialogando com outros, e estes com outros antes deles, regredindo sempre até ao grito antropoide mais arcaico... E mesmo que o nosso logos seja parcial, a finitude e a contingência humanas não nos condenam à solidão e à mudez própria dos anacoretas, dos eremitas, das bestas ou, diz-se, de alguns deuses. Antes nos compelem à responsabilidade, isto é, termos uma voz e respondermos (por) nós próprios diante de quem nos interpela ou mesmo perante a nossa própria consciência moral. Ademais se, como quer o discípulo Platão na esteira do Mestre dos Mestres do diálogo, Sócrates, a Filosofia é, precisamente, esse "diálogo da alma consigo própria" (Sofista, 263 e), tal só se nos tornou possível porque há um Logos imemorial, um laço analógico que antecede e liga todos os nossos logoi (palavras, razões, argumentos...) e cuja origem sempre nos escapa. Não podemos recuar para trás da linguagem

- FERREIRA, V. S. (2013). *O Esvaziamento do Sagrado em Miguel Torga*. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil).
- GONÇALVES, F. M. (1986). *Ser e Ler Miguel Torga*. Lisboa: Vega.
- LEÃO, I. P. (2005). *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LOURENÇO, E. (2003). *Tempo e Poesia*. Porto: Gradiva.
- MONTEIRO, M. A. M. (2015). A relação poética de Miguel Torga com Deus e os homens. *Negrilho – Homenagem a Miguel Torga*, 259-271.
- TORGA, M. (1969). *Traço de União* (2.^a edição). Coimbra: Gráfica de Coimbra. (1.^a edição: 1955).
- TORGA, M. (1976). *Penas do Purgatório*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- TORGA, M. (1977). *Odes* (4.^a edição). Coimbra: Gráfica de Coimbra. (1.^a edição: 1946).
- TORGA, M. (1986a). *Portugal* (5.^a edição). Coimbra: Gráfica de Coimbra. (1.^a edição: 1950).
- TORGA, M. (1986b). *O Outro Livro de Job* (5.^a edição). Coimbra: Gráfica de Coimbra. (1.^a edição: 1936).
- TORGA, M. (1992). *Orfeu Rebelde* (3.^a edição). Coimbra: Gráfica de Coimbra. (1.^a edição: 1958).
- TORGA, M. (1993). *Diário XVI*. Coimbra: edição de autor.
- TORGA, M. (1995). *Diário IX-XVI* (2 volumes). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- TORGA, M. (2013). *A Criação do Mundo* (4.^a edição conjunta). Lisboa: Publicações Dom Quixote. (1.^a edição conjunta: 1991).

A Miguel Torga. “Sagração” de São Leonardo de Galafura, em Sol Maior

José Maria Silva Rosa⁶¹

Resumo: Breve testemunho de deambulação outonal pelo *pagus* de um “Douro desconhecido”, em homenagem a Miguel Torga, e memória de outros percursos durienses, por entre vinhas, o solo e o Céu.

Palavras-chave: Miguel Torga; Douro; São Leonardo da Galafura; *religio*.

Abstract: A brief testimony of autumnal wandering through the *pagus* of an ‘unknown Douro’, in homage to Miguel Torga, and memory of other Douro routes, through vineyards, the soil and the Heaven.

Keywords: Miguel Torga; Douro; São Leonardo da Galafura; *religio*.

* * *

Presumia conhecer bem o Douro. Há muitos anos — quase 40 —, que o percorro, passeando, ou indo e vindo de Trás-os-Montes, pulando de Lamego para a Régua, e subindo daqui até Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Mirandela, Macedo,

61 Investigador no PRAXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (Covilhã), onde também é Professor, e Associado do Centro Cultural de Balsamão.

Chacim, Balsamão... e vice-versa. Ou então descendo desde Foz Côa até ao Vale da Vilariça, passando pelo Pocinho e o Sabor. Em alternativa mais sinuosa: São João da Pesqueira, São Salvador do Mundo, Barragem da Valeira, Carrapatosa, Linhares, Parambos... Houve mesmo um ano inteiro (1987-1988) durante o qual andárilhei, com o Pe. Basileu, por praticamente todas as povoações de Carrazeda de Ansiães, perscrutando as gentes com minúcia, falando com elas, provando as suas comidas, imbuindo-me dos seus sotaques, do linguajar e praguejar, dos modos de ser e de viver. Como esquecer o acolhimento e a generosidade tão franca e aberta das gentes de Campelos!? E das de Coleja? Daqui e dali, basta subir a um penedo ou a um dos inúmeros miradouros (da Fraga, da Talefra, dos Olhos do Tua, etc.) para, de um salto, mergulhar de cabeça diretamente no Douro, voando por cima de carrascos, castanheiros, sobreiros, socalcos e escarpas afiadas. E em fundo perene o Rio Imemorial, violento, agora amansado pelas barragens (e domesticado nos curros-eclusas...), qual espelho do Céu que, como íman, continuamente nos atrai o olhar. Mas além de Campelos e Coleja, com toda a justiça devo acrescentar de imediato a hospitalidade das pessoas da Carrazeda, de Seixo de Ansiães, de Samorinha, de Selores, da Lavandeira, da Beira Grande, de Vilarinho da Castanheira... E Marzagão, Mogo, Fonte de Seixas, Luzelos, Fiolhal, Pombal, Pinhal do Norte, Pinhal do Douro...

* * *

Como não trazer ainda à memória o Pe. Silvino, de Carvalho de Egas, a construir com as suas próprias mãos uma casa, de raiz? E o Pe. Virgílio, de Carrazeda, com as suas mãos e os dedos retorcidos dos frios de tantos invernos? O acolhimento do Pe. Moutinho, em Vale Torno, no conforto do escano e do caldo, à lareira invernososa? Ou a sensibilidade tão hospitaleira

do Pe. Trigo, de Freixiel? Tantas e tantas coisas que vêm e se atropelam na memória. Um por todos, não posso nem quero esquecer nunca aquele domingo à tardinha, em que, subindo da Estação da Tua pela estrada secundária que passa por Ribalonga, fomos nesta generosamente convidado por um Casal já idoso para a sua Quinta — casa aberta, mesa posta, franqueza, distinção... — para ali beber um cálice do ‘vinho fino’ (na conversa também dito ‘vinho generoso’ ou ‘vinho do benefício’). Ainda hoje vejo a nobreza dos rostos e dos gestos, o jarro e a bacia de esmalte para lavar as mãos, trazidos num venerável suporte de ferro forjado, com toalhas de linho alvíssimo bordadas à mão, e os trajes finos, dir-se-iam heráldicos, a imensa dignidade do acolhimento como antiquíssimo ritual de hospitalidade. Eram personagens intactas, reais, saídas diretamente dos romances de Camilo ou do Júlio Diniz. De outra vez, foi em Samodães (do lado de lá do Peso da Régua, após um delicioso passeio em Família: de comboio à ida, de barco à vinda), na Casa do Cimo da Vila, com as janelas abertas para o Vale Abraão. Mas esta incursão minuciosa pelo Vale da Augustina Bessa-Luís valeria por si só “um livro que ainda não escrevi” ... Numa palavra: havia razões para dizer que conhecia bem o Douro.

* * *

Mas no dia 4 de outubro de 2021, à tardinha, tive um choque. Quase por acaso, regressando com outros das XXIV Jornadas de Balsamão, dei connosco a descer de Ludares, a dois passos de São Martinho de Anta, e, inesperadamente, ao sair de Vila Real, virar à esquerda, enfiando por uma descida íngreme e muito estreita. Rumava sem rota certa, por azimute aproximado, deixando-me conduzir pela estrada, sem saber nem querer saber por onde ia. Como que num golpe de mágica, eis-nos passando entre socalcos, vinhas e ramagens todas vestidas das

mil cores do Outono duriense. Lá ao fundo, perdida nos tons, o branco da pequenina aldeia de Afolões (só se soube depois, ao vermos a placa). Passámos para o outro lado por uma pequena ponte. Do lado de cima, à direita, um marmeleiro carregado de enormes gamboas amarelinhas. Subindo dali para Vilarinho de Tanha, parámos junto de um Sr. dos seus 70 anos, à beira da estrada, para meter conversa com ele e pedir algumas informações. Palavra puxa palavra: «O Sr. nasceu aqui? — Nasci sim. E sempre aqui morei. — E gosta disto? É feliz aqui? — Se eu gosto disto!!! Não posso viver sem isto. Quando vou a casa da minha filha, ali, em Vila Real, não consigo lá estar mais de duas horas. Tenho de me vir logo embora. — Como é que o Sr. se chama?» No fim, antes de irmos embora, o Sr. Joaquim surpreende-nos: «— Esperem aí!» Vai ao carro e puxa de lá uma garrafa do tal ‘vinho generoso’, fino, caseiro: «— É para vós!» E continuámos agora a subir, subir, subir... Passámos por Abaças. Ao chegarmos lá ao alto, já na Galafura, eis uma placa à esquerda a indicar: «Miradouro». Acolhemos a ideia. E de súbito, num instante, sobreveio um momento de todo inesperado, intenso, mágico, absolutamente extraordinário. Pode ter sido do dia, da ocasião, da luz outonal da tarde, do azul do céu, do verde do rio, das encostas e vinhedos vangoghianos, dos *genii loci*, da disposição do momento, sabe-se lá...

* * *

Devo confessar, sem pretensões, que já tive a dita de contemplar e ser esmagado por paisagens absolutamente soberbas (como todos de nós, aliás; cada um/a de nós tem a galeria íntima das suas paisagens singulares): para mim, a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, em outubro de 1986, à tardinha, com radioso sol sem nuvens, sair do aeroporto do Galeão a planar baixinho — e ficar sem fôlego, arrebatado diante da

pura magnificência da baía, do morro do Corcovado, do azul, do verde, da grandeza. O mesmo se diga de Florianópolis, na Baía Norte, indo de barco até à Ilha de Anhatomirim, ver os golfinhos, em abril de 2012. Ou da Baía de Todos os Santos, em São Salvador... Revivo também, noutra hemisfério, em agosto de 2010, a grandeza incomparável das *Highland*, na Escócia, quando se sai de Fort William em direção a Inverness. E na Toscana, há muitos, muitos anos, em 1985: imensas searas de cevada ondulando ao vento, por entre oliveiras e infundáveis renques de ciprestes. Sim, é verdade: por esse mundo fora há paisagens tremendas, fabulosas, de sustar a respiração. Mas...

* * *

Mas o Miradouro de São Leonardo de Galafura, no dia 4 de outubro de 2021, desde as 15:30h até mais ou menos às 17h, foi o excesso do dom de um Douro ainda desconhecido. Quando subi ao alto do monte, junto de uma pequena amurada de pedra, e vi o imenso vale pintado aos meus pés, fiquei boquiaberto, siderado, extasiado, pasmado, fora de mim! Instante com algo de eterno. Foi um súbito alarme, um toque a rebate a meio da tarde, uma alegria inexprimível, o meu ser todo em festa como há muito, há muito (talvez desde criança!) não acontecia. E logo um embargo e um aperto e uma comoção interior tão intensa que não é possível descrever ou explicar. ‘Eu’ ainda ali ‘fazia sombra’. Sentia-me exíguo, estreito, incapaz de acolher, de recolher tudo aquilo, de fruir e de saborear em levitação, como ela merecia, a exuberância da beleza que, neste promontório duriense, inesperadamente, se me oferecia de graça. Quase anelava desaparecer, desvanecer-me na imediatez da experiência, ficar diáfano e fundir-me inteiramente com a paisagem. Não ‘estar ali’, mas simplesmente ‘ser aquilo’.

* * *

Subi a seguir ao próprio pico da fraga virada a poente. E por momentos, naquele penedo onde Torga registou o Poema 'fui torga com ele': fui grito silencioso, fui xisto e cepa muda agarrada à rocha e vide carregada de cachos bêbados, fui realmente 'capitão' suspenso na ponte daquele 'navio': eis a sa-gração plena de um Douro intenso, deslumbrante, imaculado. Contou-nos quem ainda conheceu o Poeta que Miguel Torga 'escutou' o poema ali mesmo, naquele alto. Que tendo saído um dia à caça com o Padre de São Martinho de Anta, estava este lá em baixo, no lado nascente, quando se levantaram por ali umas perdizes. Estando muito próximas e não dando já para abrir fogo, o cura deixou-as passar, ficando então as fasianídeas à mercê da espingarda de Torga, que estava aqui, no cume da penedia. Inesperadamente, misteriosamente, Torga não disparou. As perdizes passaram, deslizaram à sua frente, rasantes, silenciosas, planando até ao outro lado do morro. Gritou-lhe o Padre lá de baixo: "— Então? Não as apanhou? A essa distância nunca costuma errar!" Respondeu-lhe Miguel Torga lá de cima: "— Estava a apanhar o Poema!"

* * *

São Leonardo da Galafura

À proa dum navio de penedos,
A navegar num doce mar de mosto,
Capitão no seu posto
De comando,
S. Leonardo vai sulcando
As ondas

Da eternidade,
Sem pressa de chegar ao seu destino.
Ancorado e feliz no cais humano,
É num antecipado desengano
Que ruma em direcção ao cais divino.

Lá não terá socalcos
Nem vinhedos
Na menina dos olhos deslumbrados;
Doiros desaguados
Serão charcos de luz
Envelhecida;
Rasos, todos os montes
Deixarão prolongar os horizontes
Até onde se extinga a cor da vida.

Por isso, é devagar que se aproxima
Da bem-aventurança.
É lentamente que o rabelo avança
Debaixo dos seus pés de marinheiro.
E cada hora a mais que gasta no caminho
É um sorvo a mais de cheiro
A terra e a rosmaninho!

Miguel Torga

* * *

Depois vieram as fotos... A câmara captou, sim, muitas, bonitas, mas não sentiu, não "apanhou" nada. Não desejou prolongar o momento. Não sorveu os cheiros a mosto, a xisto e flor arçã. Não se alegrou com as cores, não estremeceu com a luz demorada da tarde, não cantou em Sol Maior, não brindou sobre o Vale com o generoso néctar na mão, não ficou

com a névoa do 'outro-lado-do-Rio' nos olhos rasos, não ficou arrepiada com a plenitude do instante e a pulcritude do lugar.



*“À proa dum navio de penedos, /
A navegar num doce mar de mosto”*



Os ciganos e a sua inserção com os aldeões

Maria de Fátima Alves Augusto Castanheira⁶²

Resumo: Os ciganos Chabotos (transmontanos) evidenciam características diferentes da maioria da população portuguesa e sobre eles há ainda muitas questões e desconhecimento. O nomadismo foi, até há décadas atrás, um dos principais factores que identificava este povo. No distrito de Bragança, residem vários grupos desta etnia em contexto urbano ou em localidades do meio rural. Os ciganos residentes são ainda marcados pela exclusão que se materializa na falta de condições de habitação, emprego, educação e em diversas situações no seu quotidiano. Esta minoria desenvolveu interações específicas com aldeões. Enquanto nalgumas povoações o contacto entre ambos se cinge ao mínimo, noutras existe uma interacção positiva. No entanto, em todos os contextos, com maior ou menor intensidade, os ciganos continuam a ser vítimas de preconceitos e a ser estigmatizados pelos aldeões.

Palavras-chave: cigano; nómada; questões; cidadãos.

Abstract: The Chabotos gypsies (from Trás-os-Montes) show characteristics that are different from the majority of the Portuguese population and they still are many questions and ignorance about them. Nomadism was, until decades ago, one of the main factors

⁶² Serviço Diocesano das Migrações e Minorias Étnicas; fatimacastanheira2@hotmail.com